

---

REVISTA  
**Mosaicum**

NÚMERO 33, jan./jun. 2021

<https://doi.org/10.26893/rm.v33i33>

eISSN 1980-4180

---

## O JOGO DA INFINITA BELEZA

THE INFINITE GAME BEAUTY

<https://doi.org/10.26893/rm.v33i33.464>

 **Rodrigo da Costa Araujo**

Mestre em Ciência da Arte (Universidade Federal Fluminense)

E-mail: [rodricoara@uol.com.br](mailto:rodricoara@uol.com.br)

Recebido em: 20 abr. 2021

Aprovado em: 20 maio 2021



Artigo publicado em acesso aberto (*Open Access*) sob a licença **Creative Commons Attribution**, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições, desde que o trabalho original seja corretamente citado.

**Belo, “não belo”,** muito indivíduos repetem esses termos sem saber muito bem do que se trata. O que é a beleza? Ela é subjetiva ou universal? Certamente, para Jean-Luc Nancy, o adjetivo que qualifica o todo em termos de beleza deve ser entendido tanto em termos de estética quanto de semântica. Com efeito, segundo Nancy, a beleza desperta no ser humano uma atração, um desejo mais forte que o simples prazer, mas este sempre envolve algo perturbador.

O opúsculo *Beleza* (2012), do filósofo francês Jean-Luc Nancy, é o resultado de uma conferência realizada para crianças com mais de dez anos. O tema, como o paratexto que também nomeia o livro, é a beleza. Apresentada oralmente - e depois traduzida em livro numa linguagem simples e clara - a conversa de filosofia com os interlocutores, ativos e questionadores, aborda o conceito de beleza, os equívocos gerados por vocábulos que se aproximam como bonito, agradável, simpático, prazer, aprazível, etc.

O ensaio é dividido em duas partes. A primeira que trata sobre a conferência em si e a discussão e problematização poética sobre a Beleza, e a segunda rubrica, mais didática, nem por isso desimportante, sobre perguntas/respostas. Da primeira parte, o que mais encanta é a forma como o tema é tratado, a poesia e os rastreamentos da beleza como sentido. Não se trata simplesmente, para Nancy, de reconhecer que a beleza entretém uma relação com o mundo, e sim que o próprio mundo vem nela para formar-se nela. Nesse sentido, pode-se dizer que a conferência desperta a beleza do mundo e os mundos da beleza.

Na segunda parte do livro, conduzida por perguntas, a parte mais interessante são as reflexões sobre o belo. Da beleza, colhem-se perguntas instigantes, como esta:

“Podemos encontrar beleza em tudo?”

Sim. Estou arriscando, mas não tenho total certeza. Tomemos uma das coisas menos belas dessa sala: essa garrafa de água mineral. Ela não é exatamente bela. Não consigo achar nada de belo nesse objeto, e o rótulo nunca poderá fazer parte do padrão de beleza porque expressa dizeres,

exprime uma marca, a composição. No entanto, posso fazer um gesto que a colocará em relação com a beleza, como um gesto de artista. Não sou artista, mas posso fingir. Se me atenho à transparência do plástico, ao brilho, se recorto a imagem dessa garrafa, se eu a trabalho, posso transformá-la em foto, em pintura, posso fazer uma instalação de garrafas repletas de água colorida. Posso tentar sobressaltar a beleza, posso sair desse objeto e passar para a ordem adversa a esse objeto, do mesmo modo que as pinturas apresentadas a vocês não são objetos. Evidentemente, uma pintura é uma tela com tinta, mas o que é válido como quadro não é um objeto. Como denominá-la se ela não é nem um objeto nem um sujeito no sentido de que uma pessoa é um sujeito? Eu diria que é... (2012, p. 26).

As aproximações nancyanas ocupam-se, assim, em compreender como é que a beleza, na sua pluralidade diferencial, lança o ser humano para o infinito. Seu discurso explora e confirma, aos seus interlocutores, que “se a beleza existe, ela deve ser sensível, perceptível de um modo ou de outro” (2012, p. 8). A beleza, nesse sentido, excede, ultrapassa o que é dado de imediato, por meio desta coisa e graças a ela, sejam elas o mar, o Arco do Triunfo, a Torre Eiffel, as pessoas, a música. O surgimento do desejo pela beleza atrai pela própria coisa, “a melodia, o timbre da voz, sua pureza, a delicadeza das suas modulações”. No caso da música, o sujeito é atraído não apenas pelo que ouve, mas, também, a algo que ele não consegue nomear ou compreender.

A música, e não apenas ela, despertaria um desejo que não leva a nenhum lugar, a não ser além mais distante. Este pensamento, segundo o filósofo, procura sem interrupção elucidar esta verdade, a saber, que a beleza é a relação ao mundo. Para ele, “através dessa voz, algo nos atrai e nos interpela além da simples escuta. Mas esse além produz na escuta, porque a música é bela, ela ressoa em mim e eu ressoo com ela” (p. 11).

O autor que se posiciona num viés de pensamento estético onde a metafísica subsiste, faz entender a beleza como conceito sem finitude, mas operatório de que as coisas participam ou não, para a qual caminham ou não. Os aspectos mais pertinentes desta conferência, ainda que dirigida ao público infantil, são: a manifesta insistência de que ainda hoje se pode falar de beleza no meio de um contexto mediático de excesso de opinião e de valorização de obras por autoridades subjetivas, da insistência do pensador de que há sempre uma equivalência entre beleza

e verdade e, finalmente, a de que a beleza se pode manifestar de modos inquietantes. Para o filósofo é preciso “admitir que há sempre algo de inquietante no belo. Se a beleza não agrada simplesmente, mas ao modo de um apelo mais do que um prazer, é, igualmente porque ela inquieta”. (2012, p. 21).

A sua interpretação do mito do Narciso, distante da interpretação psicanalítica de Freud, é uma metáfora inteligente e pedagógica para explicar porque os indivíduos, enquanto espectadores, se debruçam sobre a arte correndo o risco de se afogarem. As perguntas das crianças são, na sua aparente inocência, de bastante dificuldade e, por isso, conduzem o filósofo a uma argumentação sólida e eficaz, sem desconsiderar a poesia que o tema retrata.

A beleza para Jean-Luc Nancy é ao mesmo tempo efêmera e eterna. Para ele o “pintor que tenta captar esse momento não pensa apenas em reproduzi-lo, mas também em transmitir o que o levou a sentir o apelo da beleza” (2012, p. 23). No pensamento de Nancy o conceito de belo perde, deste modo, consistência ou, rigorosamente, posição. A instabilidade que o filósofo lhe reconhece remete, justamente, para um deslocamento, uma ruptura com uma circunscrição ou autonomia original.

Nesse viés, a beleza manifesta o que está além do sujeito. Beleza é aquele ponto onde o excesso dentro do fenômeno acena para os outros, para a alteridade por definição inacessível aos outros enquanto eles fazem a sociedade; onde o que leva o ser humano ao sensível, abrindo espaço para aquiescências. Portanto, para um encontro, onde se experimenta uma compreensão, uma convivência, uma comunidade, onde o sensível acena para o incomensurável, ou o incomensurável chama ao sensível para fazer um mundo.

Dessa forma, Jean-Luc Nancy não renuncia ao significado da palavra beleza. Ele assume os riscos porque, ao contrário, recusa o risco da verdade. Este último termo também conota a dimensão de um absoluto ou de uma transcendência em uma relação de obediência forçada ou submissão. Portanto, todos os dogmas sempre apresentaram a verdade dessa maneira. Mas é porque há também uma verdade que escapa a toda transcendência, que vem da imanência, uma verdade que não se revela, mas

exposta, justamente aquela que não pode ser exaurida em certo sentido, uma verdade genérica, portanto, da qual a linguagem poética – e nesse caso, também, a beleza –, forma a expressão possível (nenhum predicado da linguagem pode exaurir seu objeto; pela verdade, o objeto retorna ao estado de coisas).

A esse respeito, uma verdade é relação com o infinito. Beleza é essa relação: a linguagem se refere ao seu poder. Contudo, a nomeação, sempre no limite do impossível, do abismo e do vazio em que corre o risco de afundar o poder da linguagem, é uma verdade.

Em *Beleza* (2012), texto da conferência de Jean-Luc Nancy, percebe-se, sempre, como adesão ao infinito de sentido e, partir daí, questiona-se e argumenta-se o que é o belo, uma ideia, aparentemente, simples, mas difícil de se definir ou se caracterizar. Dessas premissas, nascem um pensamento da beleza (ou da beleza como pensamento?<sup>1</sup>), como a própria experiência desse acesso sempre re-cometido, re-nascente ou sempre a re-nascer. Deles ou por eles, operam-se, ao mesmo tempo, ideias por *renversement* ou por deslocamentos na/da maneira de pensar o belo.

## REFERÊNCIAS

BERNARDO, Fernanda. *Endereçamentos: saudando Jean-Luc Nancy em Coimbra*. Ed. Bilingue. Palimage: Coimbra, 2014.

106

NANCY, Jean-Luc. *Demanda: literatura e filosofia*. Florianópolis. Ed. Univ. UFSC, Argos, 2016.

MICHAUD, Ginette. Jean-Luc Nancy, na orla do sentido. pp.13-25. Apresentação. In: NANCY, Jean-Luc. *Demanda: literatura e filosofia*. Florianópolis. Ed. Univ. UFSC, Argos, 2016.

---

<sup>1</sup> Quem lê ou já leu Jean-Luc Nancy sabe que ele sempre revela uma impressão de torpor ou êxtase filosófico, diz Vera Casa Nova, tradutora de um de seus livros, lançado recentemente pela UFMG. A tradutora destaca o caráter singular que a vocação estética de Jean-Luc Nancy confere ao seu pensamento. “Traduzir seus textos é acessar um movimento de pensamento contemporâneo que habita um viés poético de rara beleza”, celebra.